

REFLEXÕES SOBRE O PROJETO NAS ONDAS DA LEITURA NO CONTEXTO DA PRÁTICA: UM ESTUDO DE CASO

Dayzi Silva Oliveira

Universidade Federal de Pernambuco, dayzioliveira@hotmail.com

Resumo: Este trabalho é um estudo de caso, que tem como objetivo central discorrer reflexões sobre o projeto Nas ondas da leitura no contexto da prática, com um olhar focado no fazer docente, em uma turma do 4º ano fundamental de uma escola municipal localizada no bairro da Várzea em Recife. O mesmo faz parte do Programa de Letramento do Recife (Proler) e é realizado em parceria com a editora IMPEH, onde tem como objetivo estímulo à leitura, produção de textos, bem como a divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos como forma de incentivar práticas criativas através dos vieses citados. Neste contexto, foi feito estudo sobre o projeto e observações das atividades desenvolvidas pelo professor em sala, além disso, foi realizada análise das propostas do projeto para embasar melhor as observações. Na primeira conclusão entendeu-se que o problema estava na formação docente, ou seja, na forma como o projeto era desenvolvido com os alunos pelo professor. Todavia, após um olhar mais reflexivo, outras variáveis foram levadas em consideração, como o fato dos docentes não participarem da seleção de escolha dos livros a ser usado, o que aportou para o que Goodson (1995) destaca como *obediência mecânica*, esta, caracterizada como práticas onde os professores apenas reproduzem demandas advogadas como inovadoras, mas sem participarem dos processos de planejamento. Portanto, através desta assimilação teórica e observação direta, concluiu-se que, além da prática docente, havia outras problemáticas, como o fato dos professores não mais decidirem sobre o que ser trabalhado, sendo elencado aos mesmos exclusivamente partes mais burocráticas. E com este conjunto de situações, observou-se que tudo acabava por fim a interferir no efetivo letramento literário na sala de aula via projeto observado.

Palavras-Chave: Letramento literário; Nas ondas da leitura; Contexto da prática

1. INTRODUÇÃO

O espaço do letramento literário em sala de aula sofre constantes divagações e reflexões no campo da alfabetização, tendo em vista que são várias as barreiras que inviabilizam sua concretização de forma efetiva e prazerosa. Infelizmente, muitos desses problemas assentam na tradicional visão que valoriza o espaço da literatura na escola apenas como estratégia exclusiva da formação do aluno para a escrita formal.

Neste percurso, não é incomum encontrar discursos e planejamentos de professores, cujo objetivo com a leitura é de simplesmente avaliar junto ao aluno sua capacidade de locação gramatical. O letramento literário como forma de ensino que visa desenvolver além da escrita, que indaga reflexões sobre a subjetividade e aproximação do si com o mundo, fica em outros planos, quando não muito, é esquivado ao esquecimento.

Sobre o que está escrito, os documentos oficiais ditam o que é o letramento literário, de forma explícita ou não, no entanto, é importante pensar que nenhuma política ou projeto no

contexto da prática é aplicado em sua totalidade, sem sofrer processos de recontextualizações através da escola, dos professores e até mesmo entre os alunos, tendo em vista que são vários os atores envolvidos nesse processo. Assim, quem analisa exclusivamente um documento ou proposta de qualquer projeto ou programa e dele tira conclusões sobre as práticas valorativas, esquece o poder que a escola tem em transformar e ressignificar, ignorar essa característica é um erro.

Tendo como base essas reflexões serão dissertados os seguintes aspectos neste trabalho: a observação da prática docente tendo como ótica o letramento literário, a influência do setor privado e o impacto deste na sala de aula, tendo como exemplificação o projeto em destaque. É válido destacar que se segue a ideia de que o “quadro referencial clarifica a lógica de construção do objeto da pesquisa, orienta a definição de categorias e constructos relevantes e dá suporte às relações antecipadas nas hipóteses.”(ALVES-MAZZOTI; GEWANDSZNAJDER, 1999, p.182), e que para este trabalho configura-se no de Goodson (1995) e Moreira (1995) destaca sobre a obediência mecânica e relação do professor com a esfera privada. Por assim, serão esses os aportes apresentados e revisados para interpretação da realidade observada.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada em uma turma do 4º ano do ensino fundamental de uma escola municipal localizada no bairro da Várzea em Recife. Ocorreram no total 4 (quatro) visitas na escola em semanas alternadas, sendo as três primeiras de observação das atividades durante a leitura dos livros do projeto, e a última mais focada em uma entrevista semi-estruturada com a professora responsável pela turma. As visitas ocorreram em sua totalidade no turno da tarde das 13h até 15h, duas vezes na semana, dias esses que o livro era trabalhado com os alunos.

A pesquisa configura-se dentro de uma abordagem qualitativa e se caracteriza como estudo de caso onde “se concentra no estudo de um caso particular, considerando representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. A coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral.” (SEVERINO, 2007. p.121).

A escolha dessa abordagem se deu justamente pelo número de escola observada, no caso uma, já que a ideia era ter uma representação desse projeto na prática em um espaço de

tempo maior. É interessante destacar que as generalizações em leituras de estudos de caso são comuns, mas devem ser evitadas, tendo em vista que no âmbito escolar as variáveis que podem remodelar uma realidade são diversas, que vão desde locação da escola até a prática particular de um professor.

Inclui-se nesse processo, a coleta de dados, a revisão bibliográfica, onde foram buscadas fundamentações teóricas do assunto a ser pesquisado e análise dos documentos. Para observação dos mesmos, aportou-se para a análise de conteúdo. Essa definida por Severino (2007) como “uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discurso pronunciada em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos.” (p. 121)

Para o questionamento junto aos docentes, foram utilizadas as entrevistas semi-estruturadas¹, por estas serem um esquema básico e norteador previamente elaborado, mas que segundo Lüdke & André (1986), “não se limita à relação pergunta-resposta, proporcionando uma maior flexibilidade e liberdade aos/às entrevistados/as, permitindo ainda possíveis alterações ao longo do processo por parte do entrevistador.” Esses movimentos descritos foram importantes, tendo em vista os perigos e contradições da pesquisa, já que para Babbie (2003) “as pessoas darão respostas-confiáveis ou não. As pessoas lhe contarão o que acham da relação entre a China e Albânia mesmo não tendo a menor ideia de qual seja ela.” (p. 196), ou seja, dar voz, ver e estudar os documentos, permitiu conclusões mais fidedignas com os pressupostos do objetivo da pesquisa.

3. LETRAMENTO LITERÁRIO: BREVES CONSIDERAÇÕES

Faz-se importante dissertar sobre a importância do letramento literário para os alunos, mas é válido assinalar que não é foco deste trabalho maiores aprofundamentos teóricos sobre o mesmo, mas apresentar o que se entende por um letramento literário de fato qualitativo e os autores concordantes e embaixadores com este ponto de vista.

O primeiro ponto advogado, é que o ato de ler livros é uma forma de apresentar ao aluno o seu mundo através do mundo do autor, portanto o letramento literário é uma práxis afetiva entre o aluno e o livro. Assim, com as palavras de Cosson (2006) podemos definir letramento literário como um diferencial, onde segundo o mesmo:

¹ Adotaremos “Professora 4º ano” para referenciar as falas da docente.

Em primeiro lugar, o letramento literário é diferente dos outros tipos de letramento porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, ou seja, cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006b, p. 17).

Nessa definição, é importante compreender que o letramento literário além de uma habilidade pronta e acabada de ler textos de literatura, ela é pragmática e requer atualização permanente do leitor em relação ao universo literário, ou seja, é obrigação do professor fazer parte desse processo de atualização levando em conta as particularidades do letramento literário e do aluno. Ler, vale destacar, também é experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço, que precisa ser vivenciado com intensidade no espaço escolar, porque interpretar texto sem interpretar seu sentido, é mera atividade de localização, não de reflexão.

Assinala Riter (2009) que infelizmente, “a 4ª série ou o 5º ano é a fronteira derradeira para quem gosta de ouvir histórias, sendo que, se parte sempre do pressuposto de que, ao ingressar nas séries finais de ensino fundamental, o adolescente perde o gosto por ouvir histórias.” (p.67). Isto acontece não por causa do desinteresse do aluno, o problema é que em estado de performance e avaliação vigilante que a educação vem vivenciando nos últimos tempos, ouvir histórias como fonte de prazer e aprendizado, imersa no campo do estudar para fazer provas e aprender assuntos que possam estar presentes nessas avaliações. É fácil e até confortável dizer que os alunos simplesmente perdem o interesse na leitura. No atual sistema de forma geral a perda pelo prazer em estudar é quase eminente, já que até se fosse possível, esse prazer seria metrificado.

Todavia, vale destacar que tanto para o autor destacado quanto para quem o usa, não se defende a leitura literária na escola apenas como deleite, para o próprio Riter (2009) afirma, ler é um processo que requer planejamento. A roda de leitura, por exemplo, para esse autor, perpassa a *Motivação, Leitura Objetivada, Exploração e Extrapolação*, são essas sistematizadas e com particularidades em seus diversos pontos de execuções, que precisa ser planejada, não é aleatória.

O que se defende é um letramento literário planejado que supere limites junto aos alunos, que seja voltada para o aprendizado em sua plenitude literária, que vai da objetividade para a subjetividade de quem ler, que possa assim, “tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006b, p. 17). Se o espaço da literatura é exclusivamente

para ensinar os alunos como localizar um artigo no livro, ele nunca vai ver em sua vida sentido para pegar em um que não seja exclusivamente para isso. Portanto, o letramento literário em sua plenitude vai muito além do ensino da norma culta. Ele perpassa o professor e o aluno em todas as suas singularidades.

4. SOBRE O PROJETO NAS ONDAS DA LEITURA

Não foram localizadas nos processos de pesquisa, trabalhos diretos que dissertassem diretamente sobre o projeto em si, as informações encontradas remetem como fonte o site da editora que desenvolve o mesmo e os destaques de ações desenvolvidas nas escolas no site da Prefeitura do Recife que relatam experiências bem-sucedidas sobre alunos que participaram do projeto e tiveram seu material publicado.

Assim com as presentes fontes, podemos situá-lo como parte do Programa de Letramento do Recife (Proler), realizado em parceria com o IMPEH editora que “atua no desenvolvimento de projetos, assessoria técnico-pedagógica, capacitação de pessoal, promoção de eventos, avaliação discente/docente e produção de livros e materiais didáticos para a área da Educação”².

Este projeto tem como objetivo proporcionar á criança sua capacidade de ler e escrever, estimulando o autor que existe em cada um por meio da publicação de suas produções. Vale destacar que no site do projeto, é finalidade transformar “*a aprendizagem num processo prazeroso, no qual crianças e jovens participam da construção do seu conhecimento, adquirindo o hábito de ler por prazer*”, ou seja, o foco é que os alunos desenvolvam hábitos mais substancias de leitura. Cada escola recebe os seguintes materiais para viabilização do projeto na prática:

- **Kit do professor:** Contempla kit de literatura infantil, Livro de Leitura e Escrita, Manual Nas Ondas da Leitura, CD musical e livros de apoio pedagógico.
- **Kit do Aluno:** Cada aluno recebe uma mochila personalizada contendo: kit de literatura infantil e livro de Leitura e Escrita de acordo com o ano e faixa etária.

De acordo com o site do programa, cada município define de forma participativa a linha condutora da obra, que trabalha tanto o reconto das histórias lidas como o resgate das narrativas locais. Assim fica claro, que mesmo com as diretrizes previstas nos projetos, a

² Disponível em: <http://imeph.com.br/sobre-nos/>

escola que decide como será trabalhado no contexto da prática. Todavia, e que faz parte da estrutura do trabalho, os professores apenas escolhem como trabalhar os livros, eles não decidem quais são, e é isso que está defensável em destaque neste trabalho.

5. PRIVADO NO CURRÍCULO PÚBLICO

Atualmente é cada dia mais perceptível o discurso salvacionista neoliberal presente em diversos setores da educação. Se na década de 90 houve um *boom* no Brasil, observa-se atualmente uma continuidade, reflexo das mudanças políticas e estruturais que ocorrem em aspecto mundial, onde advogam as fragilidades do público em detrimento do privado.

Gestores e diversos protagonistas políticos difundem a crença de que o setor público é o responsável pela crise e pela ineficiência vigente e que, por outro lado, o mercado e o setor privado apontam para a eficiência, qualidade, produtividade, equidade. “Daí a defesa de um Estado mínimo, de um Estado que interfira apenas o necessário para garantir o processo do capital.” (MOREIRA, 1995, p.96).

Nesta lógica, projetos são inseridos nas escolas para desenvolver práticas mais *eficientes* no cotidiano dos alunos, sem levar em consideração as reais necessidades, as vozes dos professores e não raras vezes o desmantelamento do currículo presente. Esta falta de diálogo entre as partes tem como consequência maior o aluno, que é bombardeado em sala de aula com grandes inovações, mas poucas mudanças.

Os objetivos que aparecem em slogans de marketings sociais como benévolos, escondem verdades mais que inconveniente, entre elas: a de lucros através de parcerias com setores públicos e “a busca pela formação de alunos exclusivamente para o mercado de trabalho e de forma menos explícita, novas formas de monitoramento, onde um professor visto como incompetente precisa ser, além de ‘treinado’, devidamente controlado.” (MOREIRA, 1995,p.103). Portanto, nessa parceria, não basta passar por pressões externas para *bater* as metas de avaliações, os professores acabam por receber também demandas que ditam o seu *modus operandi*.

Assim, docentes são *desenvolvidos* para construir estratégias de ensino onde eles não participam das decisões sobre essas metodologias, e delegam dessa forma toda sua experiência e prática ao que lhes são impostos. Um dos piores efeitos é a retirada da autonomia do professor, onde Moreira (1995) destaca que:

Um professor menos autônomo, mais fraco, pode não conseguir desenvolver a

instrução sem tornar o aluno “escravo de sua vontade”. O professor privado de iniciativa, liberdade e responsabilidade terminam privando o aluno das mesmas virtudes. Ou seja, desenvolvem-se atitudes de ‘obediência mecânica’ que podem ser a longo prazo, fatais, por corroerem o próprio coração de uma sociedade democrática (MOREIRA,1995,p.101)

Neste sentido, o professor acaba reproduzindo apenas o que lhe é imposto, as suas criatividades são esquecidas, eles apenas recebem instruções, as suas vozes não são escutadas e isto gera o que Goodson (apud MOREIRA, 1996), cita como obediência mecânica, essa, que virá marcar a conduta docente, com previsíveis conseqüências para a produção de cidadãos críticos e criativos. Em linhas gerais, o professor passa apenas a reproduzir, são meros executores.

6. AS OBSERVAÇÕES EM SALA

Para entender como ocorria o projeto em sala de aula, foram realizadas 3 (três) visitas durante as aulas que os livros do projeto eram trabalhados, sendo uma última dedicada para entrevista com a professora. Em um primeiro momento, ocorreram além das observações, conversas informais onde a mesma apresentou o kit dos alunos. Nesta primeira etapa do trabalho, já foi possível perceber descontentamento por parte da professora, pelo fato de ser a editora e não os professores, os responsáveis pela escolha do livro.

Na segunda visita, foi observado mais detalhadamente como a professora trabalhava o livro com os alunos. A mesma manteve a mesma ordem da cadeira, a leitura foi feita mais como uma atividade disciplinar ou seja, sem rodas ou formas de explanações mais atrativas. Os alunos estavam com o seu livro do kit, e assim, a professora solicitou que cada um realizasse a leitura de uma parte da história.

Em seguida fez a exploração da leitura, onde se pode conceituar como a exploração do livro, esta como parte onde o “o professor criará atividades variadas de compreensão e interpretação do texto literário. (RITER, 2009, p.76). A professora fez perguntas sobre os personagens de forma breve e em seguida solicitou que os alunos localizassem as palavras proparoxítonas do livro. Nesta parte ficou claro, que os aspectos do letramento literário foram logo perdidos, já que foi solicitado ao aluno perguntas com objetivos gramaticais.

Nas visitas seguintes, além das observações, foi realizado um questionário semi-estruturado com a professora. Ao ser questionada sobre como era elaborado o currículo de língua portuguesa, pode-se destacar a insatisfação quanto a não participação na formulação do mesmo:

Antes era trabalhado em cima das competências, os professores do quarto ano da escola juntavam-se e definia o currículo de acordo com as competências mais importantes. Atualmente a programação vem pronta pra gente. Eles (prefeitura) devem ter se reunido com pessoas da área para fazer esse currículo, não é mais feito na escola há uma hierarquia, já vem tudo pronto pra gente, a caderneta eletrônica das diversas disciplinas, assim como nota, deve ser feita na caderneta on-line.

(**Professora 4º ano**)

Assim, já há uma insatisfação com a organização do currículo. Como a professora assinala antes eles decidiam sobre o currículo do aluno, hoje eles apenas executam. Sua função primordial é a burocrática e de ação. Ou seja, já por parte da prefeitura os professores são excluídos de tomar decisões e isso não é positivo já que anula seu caráter criativo e reflexivo.

Quando o tema enveredou para as questões literárias e do projeto, foi questionado á professora como o letramento literário é realizado em sala de aula. A mesma já entrou em pontos específicos sobre o projeto, assim, nesta a questão a professora responde da seguinte forma:

No caso do projeto nas Ondas da Leitura, recebemos um kit de livros e devemos trabalhar naquele mês um determinado livro e apresentar para as outras salas, por exemplo quando vocês vieram estávamos trabalhando o livro “A árvore que falava”, fizemos uma apresentação, ‘a árvore que falava’ é uma história em quadrinhos, então eles apresentaram como se fosse cada personagem e tinha os balões de fala, então eles seguravam os balões de fala para apresentar a história do livro. Agora no final do ano estamos trabalhando “A vida de Marino”, que trabalhei de outra forma com ficha de leitura. A cada mês trabalhávamos um tema, e cada professor escolhe uma forma de apresentar que pode ser música, teatro, ficha de leitura. (**Professora 4º ano**)

Com sua fala, há de se destacar o seguinte ponto, **o devemos**. Já fica claro o enclausuramento na sua fala, ou seja, ela **deve** e não tem como fugir disso. Para completar:

Recebemos um kit de livros, que é estabelecido de acordo com as séries e devemos trabalhar naquele mês um determinado livro e apresentar para as outras salas. No final do ano todos os professores trabalham seus livros e a sala faz uma apresentação para toda a escola. (**Professora 4º ano**)

Portanto, para reafirmar o que foi dito anteriormente, é identificável o imperativo dos verbos em sua fala, mais específico o devemos. Não é algo negociável, a professora deve e ponto final. Na sua fala já subjugamos insatisfação quanto esse modelo, que voga mais a burocracia. Nesta resposta, também é importante destacar que até a forma de avaliação é padrão de acordo com as propostas da editora, ou seja, uma apresentação no final do ano.

Sobre o que foi observado durante as visitas, vale destacar que mesmo se não se considerasse a presença de parcerias da prefeitura, foi observado que a docente elencou suas práticas para preocupações mais gramaticais, a atividade de leitura literária estava distante sobre o que se advoga como letramento literário. Pode-se afirmar que no fundo os alunos não tenham feito nenhuma distinção das aulas sobre aspectos gramaticais e as atividades propostas pelo projeto.

Talvez fique claro a lacuna deste trabalho, por ter se atido mais para as falas do professor e as observações e não dos alunos. Segue portanto esse reconhecimento e abertura para um trabalho futuro em maior extensão e que observe as falas dos mesmos. Mas do que foi observado em sala de aula nas visitas realizadas e da fala da professora, seguiram-se os fatos a serem vistos nas conclusões.

7. CONCLUSÕES

Diante tantas contradições, a vantagem é que ainda se pensa nas possibilidades do letramento literário em sala de aula. O problema é que a obediência mecânica está em todos os lados, seja quando a prefeitura já lança os manuais sobre como tudo deve ser feito no currículo do aluno, seja quando empresas privadas que trazem as ditas inovações para dentro da sala de aula e assim, ditam as regras. Nesse cenário as vozes são dadas para todas as pessoas, mas aos professores são relegados apenas os manuais e as cobranças.

Logo, as questões conclusivas definiram-se assim: professor não pode apenas executar as atividades impostas, precisa participar do planejamento, definir estratégias e tomar decisões conjuntamente, quando isso não é feito, ignora-se toda a sua formação docente. No caso em estudo, impor apenas livros literários sem a participação dos mesmos no processo de escolha tem como consequências o distanciamento afetivo da prática planejada o que aumenta ainda mais com as práticas vigentes da própria rede.

Portanto, para uma prática efetiva e afetiva, o professor precisa decidir até para pode aglutinar bem os livros com o contexto dos alunos. Além disso, sem fugir da problemática (mas que não é a única), a forma que ocorre em sala de aula mostra que os professores ainda não estão preparados para o letramento literário, o que se agrava mais ainda por estarem em um sistema que supervaloriza a produção escrita, que esquece que o processo de escrever requer um movimento também subjetivo.

Não se nega aqui a importância do aprendizado da língua portuguesa e sua regra, ao

contrário, precisa fazer parte da formação do aluno do colégio público tal como se faz no privado³, ou seja, sem distinções. O que se advoga aqui, é que o letramento literário faz parte desse processo, mas está muito, além disso, que ela pode oferecer experiências ao aluno, muito além dos substantivos e do adjetivo.

Portanto, no fundo os problemas são diversos: desde formação até os processos de participação. Não é válido destacar um lado da moeda, com as experiências vivenciadas. Pode-se concluir que toda uma problemática sistêmica inviabiliza várias ações. São as ditas contradições da educação, que quanto mais se entende, mais contraditórias ficam.

Fica-se para finalizar, o lado positivo, que é a importância de levar o letramento literário como espaço concreto no currículo do aluno. A ideia de possibilitar que os mesmos possam expressar sua escrita é uma boa iniciativa. Todavia, para chegar a um nível de qualidade, se faz necessárias a presença de um professor bem formado e que saiba escolher quais obras usar. Infelizmente quando apenas quem decide são pessoas de fora, parte do fazer docente é anulado e isso tem reflexões diretas na prática.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTI, A.J.A; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sócias: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

BABBIE, E. **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª séries) Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf
Acesso em: 05 out 2016.

COSSON, R. **Letramento literário: educação para vida**. Vida e Educação, Fortaleza, v. 10, p. 14-16, 2006a.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Ed. 6. São Paulo: Atlas, 2010.

GOODSON, I.F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis, Vozes, 1995

HOFLING, E.M. **Estado e políticas (públicas) sociais**. Cad. CEDES. 2001, vol.21, n.55, pp. 30-41.

³ É válido destacar o posicionamento de que: o ideal seria a escola pública de qualidade para todos, sem distinção. Que essa bifurcação de público e privado não existisse. Mas assim sendo, é mais injusto pensar que o aluno do público tenha uma educação que não o prepare para todos os desafios da sua vida, seja no mercado de trabalho ou acadêmico.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 1986.

MOREIRA, A. F. B. (1995). Neoliberalismo, Currículo Nacional e Avaliação. In. SILVA, Luiz H., AZEVEDO, José Clovis (org). **Reestruturação curricular**. Petrópolis: Vozes.

RITER, C. A formação do leitor literário em casa e na escola. 1º edição, São Paulo, Birita, 2009.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.